

A Voz do Outro Lado —

OUTRO LADO da, relendo «La Voix Huhmaine», de Jean Cocteau, tive uma idéia que talvez não fosse má — e que, com certeza, ficará em idéia mesmo.

Muitos leitores se lembrarão dessa peça de uma só personagem — que, aliás, a senhora Morineau já interpretou no Rio, de maneira inesquecível. Aquela mulher amarga passa todo o tempo da peça falando ao telefone; chora, ri, soluça, discute, ameaça, mente. Do outro lado do fio está um homem, que o espectador não vê nem ouve. É um homem comum, que está abandonando aquela amante para se casar.

Minha idéia foi escrever «A Outra Voz». Não para juntar as duas em um diálogo que, afinal, banalizaria a peça. O homem apareceria sozinho, despedindo-se, pelo telefone, da amante em liquidação. Ele certamente lhe diria gentilezas vulgares e inúteis palavras de conforto. Estaria talvez em um balcão de bar, com alguém esperando na mesa...

Ao escrever a peça, Cocteau não quis — ele mesmo o disse — procurar solução de nenhum problema psicológico. Evitou dar golpes de surpresa, que seriam fáceis, para manter o espectador em *suspense* ou levá-lo a fazer, até certa altura, um idéia errada da situação. A peça não tem truques. É apenas a mulher apaixonada que o amante abandona — e que reagê da maneira mais vulgar, ora com despeito, ora criando certa força, ora se humilhando toda e confessando sua agonia. Essa humilhação e essa agonia é que dão o tom monótono da pequena peça, que parece durar anos, na intensidade de sua aflição. Cocteau confessou que sua peça foi inspirada na

lembrança de uma conversa telefônica surpreendida por acaso, com «a singularidade grave dos timbres, a eternidade dos silêncios».

Talvez fôsse interessante pensar no outro lado da história, no desespero sêco e frio do homem. Sua impaciência em atirar fora de sua vida aquêle bagaço, seu remorso, seu medo de ferir, de fazer mal, de matar com as palavras ou com o silêncio. (Creio que em situações semelhantes as mulheres são muito mais cruéis que os homens.)

Mas o diabo é que eu precisaria ser um Cocteau para criar com justeza êsse tipo de homem. Ele não deveria ser um sentimental nem um cínico — nem piegas nem cruel. Sua força, como a da mulher, haveria de residir em sua própria banalidade.

Pois, na verdade, o homem não precisa ser bom nem mau. É o amor que é divino e desumano; a delicadeza mais leve e a brutalidade mais revoltante nascem do próprio amor com uma espantosa inevitabilidade. Os grandes orgulhosos o mais que podem é calar no momento de ser abandonados ou de abandonar.

Mas o silêncio é de um ouro falso; o silêncio em si mesmo é falso; nem mesmo o silêncio definitivo e sem remédio, o suicídio, tem mais força do que a expressão de um gesto de momento. «A Outra Voz» teria de refletir o subinferno da inquietação e do remorso que vai envenenar um novo romance. Perder o amor da pessoa amada e perder o amor pela pessoa amada, tudo são perdas na vida — na vida, que se amesquinha, e lá se vai gastando.

7/12/66

DN 4.3.49

M 456 e M 409

M do Ddo 46

Revista Nacional 131 e 456

Ele e Ela 125